



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ROSIMERE MARTINS DE SOUSA

**LEITURA, INTERLOCUÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS:
O QUE REVELAM OS TEXTOS NARRATIVOS
DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

CAJAZEIRAS – PB

2008

ROSIMERE MARTINS DE SOUSA

**LEITURA, INTERLOCUÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS:
O QUE REVELAM OS TEXTOS NARRATIVOS
DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2008



S7251 Sousa, Rosimere Martins de
Leitura, interlocucao e producao de sentidos: o que revelam os textos narrativos de alunos do ensino fundamental II / Rosimere Martins de Sousa. - Cajazeiras, 2008.
40p.

Trabalho de Conclusao de Curso(Especializacao em Lingua Portuguesa)- Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formacao de Professores.
Contem Bibliografia

1. Leitura 2. Textos narrativos-ensino fundamental II 3. Interlocucao 4. Especializacao I. Sousa, Jose Wanderley Alves de, Dr. (Orientador) II. Universidade Federal de Campina Grande-Cajazeiras(PB) III. Titulo

CDU 372.41

ROSIMERE MARTINS DE SOUSA

**LEITURA, INTERLOCUÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS:
O QUE REVELAM OS TEXTOS NARRATIVOS
DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Aprovada em ____ / ____ /2008

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa - Orientador

Profa. Dra. Naelza de Araújo Wanderley - Examinadora

Profa. Msa. Márcia Candeia Rodrigues - Examinadora

Prof. Esp. Isaias de Oliveira Ehrich – Examinador Suplente

Ler transforma-se em sinônimo de viver, não mais a vida instintiva marcada pelo contato imediato e sensorial com as coisas, para afiançar sobrevivência e procriação, mas a vida intelectual, constituída, de um lado, pela inteligência e pela razão, de outro, pela emoção e a adesão afetiva - a simpatia que leva o ser humano a aderir a causas não necessariamente pragmáticas ou lucrativas. Ler enquanto atividade de decifrar o escrito e consumir obras supõe, assim, alguns passos que se estendem além do entendimento do texto e da aquisição de livros; representa igualmente uma forma de experiência que acompanha o indivíduo ao longo de sua existência.

A utopia da leitura situa-se exatamente nesse ponto, de certo modo verbalizado por Manuel Bandeira: enraizada na infância, ela continua repercutindo no decorrer da experiência existencial do ser humano, presente no criador e artista em que ele se transformou.

(ZILBERMAN, Regina. **A lição dos leitores.** [s

Especialmente a vocês, Damião e Ana Carolina, pelo muito
que me acrescentaram em aprendizagem e amor.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa, por ter oferecido, além de sua orientação tranqüila e segura, o presente de sua amizade, tornando muito mais prazeroso o percurso de construção deste trabalho;

Aos meus alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Marques de Sousa, pela colaboração na realização deste trabalho com os textos que produziram;

Aos professores e colegas de curso, pela comunhão na caminhada e partilha de idéias;

Aos meus pais, irmãos e amigos, pela contribuição na concretização de mais uma etapa vencida.

RESUMO

Este trabalho analisa a leitura numa perspectiva discursiva. Reflete sobre a construção de sentidos a partir da adoção do gênero narrativa, sob a forma de memórias transcritas por alunos do Ensino Fundamental II da Escola Maria Marques de Sousa, da cidade de São José da Lagoa Tapada - PB. Diversas possibilidades de leitura de mundo afloram da análise dos textos produzidos pelos alunos e seus interlocutores, visto o que possibilita desvelar as estratégias textuais que delimitam o trânsito do mundo ficcional ao mundo real num texto de memórias. Pelos olhos da Análise do Discurso é possível efetivar-se a construção de sentidos dos textos, num jogo interlocutivo em que se presentificam autor – leitor – autor - processo de produção, para provar que a leitura, enquanto produto(ra) de sentidos efetiva-se no espaço da interdiscursividade.

PALAVRAS – CHAVE: Leitura. Interlocução. Memórias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A LEITURA NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA.....	9
2.1 A FORMAÇÃO DE LEITORES EM CONTEXTOS ESCOLARES: TECENDO POSSIBILIDADES.....	13
2.1.1 GÊNEROS: A MATÉRIA-PRIMA DO DISCURSO.....	14
2.1.1.1 OS GÊNEROS E A MEDIAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA.....	15
3 O QUE REVELAM OS TEXTOS NARRATIVOS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II; A RELATIVIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....	18
3.1 NARRATIVA: ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	20
4 TECENDO POSSÍVEIS CONCLUSÕES.....	25
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A leitura provoca no sujeito a necessidade da compreensão e da interação com o mundo, enriquece as idéias e experiências intelectuais e, por conseguinte, provoca uma expansão do “eu” de cada um, num jogo contínuo de produção de sentidos.

Ler é, nessa perspectiva, compreender o sentido real dado pelo autor a aquele texto; a reconstrução do pensamento que o autor escreveu, tal como ele imaginou. O que interfere nisso, é apenas o grau de conhecimento e as experiências anteriores de cada leitor.

O professor tem seu papel fundamental na interação aluno-texto: ele deve ser um mediador entre esta relação, a fim de que o aluno conceba plenamente o que é leitura, como tal atividade é produto (ra) de sentidos que emanam das práticas interlocutivas do sujeito efetivada nas ações cotidianas.

Com a intenção de realçar essas idéias, a presente monografia tem como objetivo refletir sobre as práticas da leitura no contexto escolar, possibilitando aos professores e alunos subsídios na perspectiva de contribuir para a adoção dos gêneros textuais, com especial atenção para a narrativa, como constitutivos do movimento de construção de significados da vida cotidiana. Propõe-se, assim, uma experiência que leve à elaboração de textos narrativos que se constroem, a partir de uma linguagem que tem suas particularidades adequadas à formação do sujeito-leitor com uma postura reflexiva e crítica em relação ao texto que produz, tanto no plano das formas de conteúdo como da expressão.

Nessa intenção, na Parte 2 expomos as reflexões sobre o processo de leitura na escola na visão de alguns teóricos importantes, bem como, a compreensão da leitura para uma prática consciente no cotidiano do educando, sob um enfoque discursivo.

Na parte 3 enfoca-se algumas propostas sobre o desenvolvimento eficaz da leitura no processo de ensino, uma visão da escola como espaço de condição para a leitura fluente e para a produção de textos, a partir da adoção do gênero narrativa. Analisam-se as produções textuais de um grupo de alunos, a fim de verificar-se a relação que se estabelece entre leitura, interlocução e produção de sentidos.

Por fim, as considerações finais destacam a narrativa como gênero fértil para a construção de sentidos dos textos, num jogo interlocutivo em que se presentificam autor – leitor – autor - processo de produção, para provar que a leitura, enquanto produto(ra) de sentidos efetiva-se no espaço da interdiscursividade.

2 A LEITURA NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Professores de Português tem se debatido com a dificuldade de prover a leitura e, praticamente, contribuir para que os alunos se tornem leitores autônomos, visto que um número significativo de estudantes não compreende o que lê, em consequência, tem dificuldade de posicionar-se frente ao conhecimento trazido pela leitura.

Vários são os problemas que levam a dificuldade de leitura, um deles é a necessidade que a escola tem de avaliá-la, transformando-a numa atividade de cobranças e ameaças.

O aluno precisa se submeter às práticas avaliativas de leitura, pois os professores precisam julgar e estabelecer regras. Essa forma de promover a leitura traz ameaças que em vez de aproximação e identificação, causam repulsa e afastamento, tornando-se, assim, difícil para o educando firmar uma posição de leitor autônomo, pois ele depende dessa avaliação por isso aderem ao discurso escolar que desconsidera o conhecimento prévio que o aluno tem.

A escola é uma instituição em que são determinadas competências a adquirir, modos de ensinar e aprender, processos de avaliação e de seleção, etc. Esse processo é a “escolarização” e faz parte da essência da escola.

Diante dessas funções da escola não há como não evitar que a leitura se escolarize. A questão fundamental é perceber que esta como saber escolar não deve desenvolver resistência ou aversão à textos de natureza diversa, mas deve conduzir mais eficazmente à sua prática, voltada para a compreensão da realidade social, das atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar.

Um ponto importante na relação entre leitura e escola é descobrir como realizar de maneira adequada o contato do aluno com o texto, a fim de que seja efetivada o “saber escolar”.

É nesse sentido que a escola deve estimular essa atividade como fonte de sabedoria e prazer, uma vez que ela serve como porta de ingresso nas questões e reflexões que o ato de ler nos propicia. Isto porque, a leitura nos permite entender o mundo.

A leitura na sala de aula deve, nessa direção, avançar níveis mais profundos que permitam ao aluno seu próprio questionamento, sua própria interpretação e sua efetiva inter-relação com o texto. Normalmente, a leitura é centrada no que o professor quer. Ele induz o aluno à leitura. O professor não orienta, ele comanda. Ao corrigir um texto produzido por seus

alunos, não deve colocar-se como juiz entre o texto e o aluno. Mas o seu papel deve ser o de mediador em relação às idéias que foram expostas e na avaliação ir além da correção de gramática.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997: 41):

A formação de leitores e, conseqüentemente, a formação de escritores – pessoas capazes de escrever com eficácia, e não, evidentemente, escritores no sentido de profissionais da escrita -, se dá devido à prática de leitura, pois ao lermos, nós adquirimos a possibilidade de produzir textos eficazes que nos fornece, por um lado, a matéria-prima para a escrita: o que escrever; por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

A leitura deve, portanto, ser objeto de aprendizagem, e não de mero ensino, como tem sido historicamente na escola. Ler, não é apenas decodificar, converter letras em som, tendo a compreensão como conseqüência. E a escola, com práticas centradas nessa concepção vem formando, produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar todo e qualquer texto, mas com enorme dificuldade para compreender o que lêem.

Por essa vertente, a realidade da formação do leitor pelas práticas escolares é descontextualizada da dimensão social e política e restringem-se, na maioria das vezes ao plano individual, centrado no leitor. A fim de nos posicionarmos por uma concepção de leitura, nunca é demais lembrar as duas caracterizações tecidas por Maria Helena MARTINS (1994):

Como decodificação mecânica dos signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo – resposta (perspectiva behaviorista – skinneriana);

Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Pela concepção cognitivo-sociológica ler é interpretar. Interpretar é criar significado, não só a partir do que está escrito, mas também do conhecimento que cada leitor traz para o texto, seu conhecimento de mundo, sua experiência de vida. Por essa razão é que não se pode admitir uma interpretação única de um texto, partindo de que o significado está dado no texto.

Deve-se compreender o que há por trás das diferentes interpretações, sentidos atribuídos a um mesmo texto.

Assim, a aprendizagem da leitura acontece a partir da nossa interação com o meio, “aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valoriza-lo para poder ir além dele”. (MARTINS, 1994: 15). A escola deve saber resgatar, presentificar, valorizar e preservar a realidade dos alunos como ponto de partida para o aprendizado da leitura da palavra, pois, como afirma Cagliari (1994: 149): “Tudo o que se ensina na escola está ligado à leitura e depende dela para se manter e desenvolver”.

Uma prática de leitura intensa na escola é necessária por muitas razões, como por exemplo, para ampliar a visão de mundo dos leitores. Os alunos, muitas vezes, não possuem o hábito de fazer diferentes leituras, se é que fazem alguma. Isso faz com que ele se torne um ser bitolado em termos de cultura.

Outro exemplo da importância da prática de leitura intensa na escola é aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares – condição para a leitura fluente e para a produção de textos. Esse é uma das grandes precariedades na formação de um leitor eficiente: fazer com que ele tome gosto pela leitura. O contato com o texto, a proposta de desvendar a intenção do mesmo faz com que o aluno compreenda o funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se um texto para ser lido.

A leitura, em suma, mexe com o nosso eu de forma tensa e intensa. Briga com os nossos saberes internos, coloca interrogações, interjeições e reticências que nos perturbam, fazendo-nos refletir, interpretar, tomar conhecimento da profundidade de um texto, valorizando-o, assim.

Reside aí, a possibilidade de se tomar a leitura, não apenas como questão lingüística, mas também pedagógica e social. Dessa forma, estarão envolvidas no mesmo processo: as condições dos interlocutores (autor e leitor), as concepções ideológicas externas e internas, os diferentes tipos de discurso, a história de leitura de cada um dos sujeitos do texto e, por conseguinte, a necessidade de se estabelecer o processo de mediação entre leitura, sociedade e conhecimento.

Sabemos que a educação se dá em variados lugares e com inúmeras maneiras de ser realizada, mas é na escola que ela se dá de forma sistematizada, ou seja, a educação sistemática se “dá” e se “adquire” como um processo onde passo a passo o ser humano vai fazendo perpetuar determinados legados culturais, determinadas técnicas e até determinadas ciências, onde um grupo especializado prepara outras pessoas a adquirirem certos conhecimentos tidos como necessário à vida.

Por isso, a escola tem o dever de orientar, acompanhar, incentivar e apoiar o cidadão em seu processo de formação intelectual, dando-lhe suporte necessário para que ele atinja o estágio da não alienação com relação à realidade do mundo. Kleiman (2000: 13) sobre o assunto diz:

A leitura é considerada um processo interativo (...) quando mediante a interação de diversos níveis, como o conhecimento lingüístico, o textual e o conhecimento de mundo, o leitor construído pelo próprio leitor a partir de seus conhecimentos prévios e interação com o mundo. O texto, o artigo, a revista ou o livro, vem para interagir, para ajudar, para auxiliar e mostrar novos rumos na construção do sentido do texto escrito para o leitor.

O encargo das escolas, hoje é assegurar o desenvolvimento das capacidades cognitivas, sociais e morais, no desenvolvimento dos processos de pensar, na formação da cidadania e na formação ética dos sujeitos.

A leitura é, portanto, a maneira mais eficaz de se desenvolver estes processos, porque segundo Chartier (1999: 71) é, sempre “apropriação, invenção, produção de significados”. O leitor atribui significados ao texto que lê e, nesta perspectiva, a leitura adquire o caráter de liberdade. Ao atribuir significados ao texto, o leitor subverte e desloca mesmo que não totalmente o sentido imposto pelo autor, demonstrando sua liberdade nessa atribuição de sentidos que o autor (e o texto) pretende impor. Essa liberdade não é absoluta, pois é cheia de limitações que decorrem de hábitos, atitudes, tempo, lugar, objeto a ser lido, intenção da leitura, etc.

2.1 DISCURSO E TEXTO: O LUGAR DOS GÊNEROS NAS PRÁTICAS DE LEITURA

O texto é um conjunto de relações significativas, que, por sua vez, é tomado como exemplares de discurso e tem, conseqüentemente, relação com a formação ideológica.

A noção de discurso supõe que no interior de uma língua, só uma parte do que é dito é acessível e que este dito delimita uma identidade. As unidades do discurso são resultados do mesmo tempo da língua e da história.

O discurso não é um conjunto de textos, ele é uma prática constituída por ideologia, para entendermos é preciso compreender. Essa idéia é balizada pelos estudiosos da Análise de Discurso de orientação francesa (AD).

Para a AD, o texto não é considerado um objeto acabado, pronto, sobre o qual estão inscritas inúmeras possibilidades de leitura. O texto é, para o analista do discurso, materialidade lingüístico-histórico, suporte de uma unidade teórica: o discurso, objeto central da AD.

Na AD, não trabalhamos com a língua fechada nela mesma, como na lingüística, tampouco com a história e sociedade, como se elas fossem independentes, mas com a ideologia materializada na linguagem, e este trabalho se dá, sobretudo a partir de seu objeto central, *o discurso*, objeto sócio-histórico. A propósito do discurso, Orlandi (1999: 15) afirma que "a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem", controlado por uma instituição, pois o discurso não é propriedade do sujeito, ele está inscrito numa dada formação social, a qual espelha, por sua vez, uma determinada formação ideológica.

Encaminhando um novo olhar para a linguagem, a AD não a compreende dentro da visão redutora que considera a linguagem apenas enquanto meio de comunicação, pois assim, estava negando a historicidade do próprio sujeito.

Dentro desta perspectiva discursiva, entendida enquanto materialidade ideológica, a linguagem não pode ser compreendida desvinculada dos processos histórico-sociais, fora da sociedade, pois ela é sítio de conflito, de confronto ideológico. A linguagem, segundo Brandão (1998: 18):

[...] é um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao sistema interno, enquanto formação lingüística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência sócio-ideológica.

O discurso não se relaciona apenas à instância do poder, ele também está associado ao saber, pois saberes como o médico, o sociólogo, o psiquiátrico, o literário, etc. delegam ao seu portador a autoridade do discurso verdadeiro, aceito pela sociedade.

O discurso é, pois, a possibilidade do dizer e do não-dizer, do ir e vir do(s) sentido(s) circunscrito(s) nas instâncias: social, política, histórica e ideológica, que estabelecem os limites da produção discursiva.

2.1.1 Gêneros: a matéria-prima do discurso

Há muito se fala em leitura e produção de textos nas nossas salas de aula. Entretanto, uns professores pedem para os alunos escrever uma redação, outros pedem uma pequena narrativa, outros um pequeno texto, outros uma composição, outros pedem para que os alunos escrevam cartas, bilhetes, anúncios, contos, etc.

Na verdade, o que se quer destacar pelas práticas de leitura e produção textual na escola é “a idéia de apropriação por parte dos alunos, através da escrita, dos conhecimentos acumulados ao longo da história”. (DIONÍSIO, 2002:39). É o lugar que as práticas de **letramento** ocupam nos contextos escolares.

È preciso, por essa linha investigativa, concebermos o que é LETRAMENTO.

O conceito de letramento diz respeito às inúmeras práticas sociais que integram direta ou indiretamente a produção e/ou leitura de materiais escritos. (SIGNORINI apud DIONÍSIO, 2002:39).

Os estudos sobre letramento dão conta de entender as investigações das práticas sociais que envolvem a escrita, seus usos e efeitos sobre os indivíduos e a sociedade como um todo. Isto posto, os usos lingüísticos requeridos pela leitura e escrita, enquanto desdobramentos das práticas sociais, são situados no tempo e espaço e se sedimentam na condição de estruturas chamadas **gêneros**.

Assim, não se pode falar de sujeitos letrados, visto que em algum desses ambientes ele terá mais ou menos experiências de linguagem, práticas de letramento.

Estando, pois, inseridos nas práticas sociais de linguagem, os usos dão luz aos **eventos de letramento**, ou seja, as ações produzidas em qualquer contexto social ou cultural que envolva a leitura e/ou a escrita.

É como se os diferentes contextos, nos quais estamos inseridos ao longo da vida, formassem molduras que de alguma forma direcionam a produção de significados possíveis, construída com a nossa participação concreta nos contextos comunicativos, que nos coloca permanentemente em contato com formas diversas de organização do nosso pensar e fazer e que são expressas através dos textos que lemos/produzimos os discursos materializados sob a forma de gêneros diversos.

Essas práticas sociais envolvem diferentes gêneros (primários, secundários) do discurso e diferentes capacidades de leitura e escrita. **Mas, o que são gêneros?**

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados organizados por cada esfera de uso da língua. Todo enunciado traz em sua constituição três elementos que lhes são indissolúveis: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, estando todos eles marcados por traços específicos de uma categoria da comunicação. Estes elementos serão responsáveis pela classificação dos enunciados em determinado gênero do discurso.

2.1.1.1 Os gêneros e a mediação da leitura e escrita

O avanço tecnológico ampliou as exigências em relação à formação das pessoas. Não basta mais saber ler e escrever, é preciso saber pensar as idéias existentes, questioná-las e alterá-las quando necessário.

A escola, hoje, deve cumprir seu papel político, promovendo transformações sociais que atendam a todas as classes.

Diante dessa perspectiva, muitos professores encontram-se despreparados para essas novas exigências nos contextos das linguagens, códigos e suas tecnologias, pois grande parte

da metodologia adotada nas escolas não consegue motivar o aluno para o aprendizado porque está centrada em instrução, com exercícios repetitivos e cansativos.

Um método de ensino que não leva o outro a refletir não permite que ele exista e que construa a sua história. Só se pode ensinar quando se inclui o outro no processo de ensino-aprendizagem permitindo que ele pense por si próprio.

Pensar sobre o ensino de Língua Portuguesa requer uma articulação dos aspectos envolvidos nesse processo, considerando as práticas sociais da linguagem em situações metodológicas que possam contribuir para a formação do sujeito.

A mediação do professor no trabalho com o ensino da língua deve cumprir o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico e reflexivo com as práticas de linguagem, inclusive despertando-os sobre aspectos implícitos, intenções, valores e preconceitos do enunciador, tornando-os capazes de recusar ou aderir as posições ideológicas de determinados discursos, visto que, pela linguagem se expressam idéias e pensamentos, e se influencia o outro alterando suas representações da realidade.

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução.

Quando um sujeito interage com outro o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, ainda que sejam inconscientes.

Por isso, o trabalho com a leitura deve ser uma prática constante. Se, por um lado, tem o objetivo de formar leitores competentes, por outro, auxilia a produção de textos, ou seja:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos que permitam fazê-lo.” (PCN – Língua Portuguesa, p.36)”.

Nessa perspectiva, um leitor competente é aquele que por iniciativa própria, seleciona, de acordo com suas necessidades e interesses, o que ler entre os vários tipos de textos que circulam socialmente.

Para que isso se efetive, a escola deve promover uma prática constante de leitura organizada em torno de uma diversidade de textos e gêneros textuais, conforme sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

O gênero textual deve ser visto como um instrumento que possibilite exercer uma ação lingüística sobre a realidade, visto que, essas ações são sempre orientadas por um conjunto de fatores que atuam no contexto situacional: quem produz o texto, qual é o interlocutor, qual é a finalidade do texto e que gênero pode ser utilizado para que a comunicação atinja plenamente seu objetivo.

Dessa forma, fazemos uso dos gêneros textuais que nos foram transmitidos sócio-historicamente, o que não quer dizer que não seja possível transformar esses gêneros, ou criar outros, de acordo com as novas necessidades de interação verbal que surgem.

No plano do ensino-aprendizagem de produção de texto, equivale a dizer que o conhecimento e o domínio dos diferentes gêneros textuais, por parte do aluno, não apenas o preparam para eventuais práticas lingüísticas, mas também ampliam sua compreensão da realidade, apontando-lhe formas concretas de participação social como cidadão.

O ensino-aprendizagem da produção de textos sob a perspectiva dos gêneros leva à redefinição do papel do professor de produção de textos, que, em vez de “professor de redação”, profissional distante da realidade e da prática textual do aluno, passa à condição de um especialista nas diferentes modalidades textuais, orais e escritas, de uso social.

Assim, deve ser dada voz ao aluno como participante do processo de construção do conhecimento, que não é posse exclusiva do professor, nas aulas de língua portuguesa, isso se traduz basicamente pela análise dos usos reais da língua, nas situações mais variadas de comunicação.

3 A RELATIVIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM NARRATIVAS

Para a realização deste trabalho, optamos pela realização de oficinas de sensibilização lingüístico-literária que oportunizasse aos alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Marques de Sousa, localizada na cidade de São José da Lagoa Tapada – PB, a fim de pela produção escrita de textos sob a forma de memórias, os alunos pudessem compreender a leitura como processo interlocutivo de produção de sentidos.

Para alcançar nossos objetivos delineamos um conjunto de oficinas que oportunizasse o exercício da narrativa, a fim de alcançarmos a produção de um texto final que nos servisse de base para as análises aqui apresentadas.

Utilizamos como roteiro a proposta da Olimpíada de Língua Portuguesa.(CLARA, 2008), selecionando oito oficinas para o desenrolar da parte prática do nosso trabalho, a saber:

1. OFICINA 1 – NAQUELE TEMPO

Objetivos:

- Sensibilizar os alunos a respeito do valor da experiência das pessoas mais velhas.
- Compreender o que é memória.
- Entender como objetos e imagens podem trazer a história de um tempo passado.

2. OFICINA 2 - VAMOS COMBINAR?

Objetivos:

- Explicar como será o trabalho, a produção dos textos de memória e a organização de uma coletânea.
- Compreender o que é memória.
- Apresentar a situação de produção.

3. OFICINA 3 – PRIMEIRO ENSAIO

Objetivos:

- Produzir o primeiro texto individual.
- Planejar como intervir no processo de aprendizagem do aluno com base no diagnóstico inicial.

4. OFICINA 4 – VIAGEM NO TEMPO

Objetivos:

- Apresentar aos alunos textos de memória de pessoas mais velhas.

5. OFICINA 5 – NEM SEMPRE FOI ASSIM

Objetivos:

- Sensibilizar os alunos para as emoções dos relatos de memórias.
- Observar como os autores comparam o tempo antigo com o atual.
- Identificar palavras e expressões usadas para remeter ao passado.

6. OFICINA 6 – A ENTREVISTA

Objetivos:

- Planejar e realizar entrevistas com pessoas mais velhas da comunidade.

7. OFICINA 7 – AGORA É MINHA VEZ

Objetivos:

- Reescrever o texto da entrevista.

8. OFICINA 8 – ÚLTIMOS RETOQUES

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAIBA

Objetivos:

- Fazer a revisão e o aprimoramento do texto.

Cada oficina foi desenvolvida nas aulas de língua portuguesa, num período de 30 a 40 minutos para cada encontro.

Após a etapa de desenvolvimento das oficinas realizamos a análise dos textos produzidos pelos alunos e selecionamos os que julgamos mais significativos para as análises.

3.1 NARRATIVA: ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO E DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Os textos, produzidos pelos alunos colaboradores da pesquisa, na sua maioria, evidenciam aspectos ligados à história do lugar e/ou à origem da família.

Eu nasci e fui criada na nossa pequena e sossegada São José da Lagoa Tapada, mais precisamente no coração do sertão, na região Nordestina do estado da Paraíba. Antigamente nossa cidade era conhecida como “terra milagrosa” devido aos milagres realizados por Frei Damião. (ESCRITOR B)

Teófilo seu nome, que é meu tataravô, daí surgiu minha família com muito orgulho (Cavalcante Mendes). O outro chamado Pedro chegou a ser governador do Recife e chegou a ganhar uma avenida em seu nome: Av Pedro Cavalcante.

Hoje eu estou contando esta grande história. (ESCRITOR B)

Destacam-se os usos dos traços característicos do gênero “memórias”. Há, portanto, comparações entre o passado e o presente; evidências a sentimentos emoções e impressões sobre os acontecimentos, fatos etc. que estão sendo evocados; descreve, quando necessário, lugares e pessoas.

No meu tempo passado aconteciam muitos fatos, meu marido trabalhava como vaqueiro com pastos cheios de gados.

[...] Um dos objetos mais antigos é o ferro de engomar a braza. Lembro-me também do tempo que eu era moça, o namoro era completamente diferente.

Para oficializar o namoro com meu marido tinha que ter o consentimento do meu pai e o namoro era só pegar na mão e conversar e noivar e casar. E tinha uma coisa o primeiro namorado era aquele que tinha, que casar, só pelo primeiro namoro. Se fizesse mais do que pegar na mão para os pais e para mim mesmo, a moça se perdeu e tinha que se casar e toda moça tinha dote para ajudar no casamento, mas eu não tinha por causa das condições. (ESCRITOR A)

Há evidências de realização das entrevistas, quando o interlocutor do narrador deixa transparecer que fez entrevistas para produzi-lo, recuperando lembranças de outros tempos e de outros sujeitos relacionando-os ao lugar onde vive.

Está conversa vai ser de mim e de Dona Júlia. Ela mora em nossa comunidade há muito tempo.

Perguntei para ela se ela tinha algum objeto ou foto que pudesse mostrar. Ela falou que sim. Eu comecei a perguntar como era a vida da mesma na comunidade. Ela falou – Houve muitas mudanças desde aquela época, antes não tinha pista, nem calçamento, como você sabe foi feito há pouco tempo. Antes as pessoas gostavam mais de ir às missas e de participa das novenas. Hoje se vê pouca gente fazendo isso, a maioria dos jovens não liga nada, pensa que o mundo é deles. Hoje não se respeitam os pais, nem professores.

As estratégias discursivas utilizadas para a construção do texto remetem para o olhar que os jovens têm da vida, como aquele em que impera o desrespeito, a negação à autoridade e sabedoria dos mais velhos, condições básicas para a efetivação das relações sociais.

Estão destruindo a escola, a maioria não tem educação para com seu próximo. No meu tempo se isso acontecesse, nós levamos uma surra das grandes. Nós, do tempo passado respeitávamos os mais velhos e os pais. Não sei, mas mesmo não tendo tido o direito de estudar e de ter uma boa educação, se comparada com uma jovem de hoje, pensam que eu fui uma professora. Admiram-me por não estudar e só trabalhar na roça, de ter educação que hoje uma criança não tem. O fato é que nós sentimos na pele o que é ter um pai perverso. Por que hoje tão batendo na cara da mãe e ela não diz nada, cadê o respeito da geração futura? Eu lhe pergunto, minha jovem?

- Isso mesmo, Dona Júlia, eu não discordo da senhora, a geração de hoje está cheia de atritos. Vocês foram educados sem ajuda de livros, só bastou o pai e a mãe. Hoje temos tudo nas mãos e só fazemos desperdiçar.

Dona Júlia, a senhora acha que o mundo está mudando?

- Não, imagina, quem está mudando são as pessoas, com toda essa modernidade. Você hoje só se vê crianças de 13 a 15 anos grávidas, se perdendo; jovens nas drogas, doentes sem usar preservativos ou coisa assim. Estão poluindo a terra e acabando com os animais. Eu não tive educação,

mas sei ler, escrever, e não tenho inveja de nenhum jovem em matéria de conhecimento.

Pois é! Aí está o depoimento de Dona Júlia, que mora no Alto Celestino, tem 67 anos, hoje aposentada relembra seu passado e compara com o mundo de hoje. É um pouco da vida e da opinião dessa senhora, que nunca teve a oportunidade de ir à escola e hoje sabe ler e escrever, coisa que muitos jovens não querem, temos de aprender a dar sentido a vida, para poder que sabe um dia contar nossa história. (ESCRITOR G).

Interessante é notar a força que a narrativa assume enquanto jogo interlocutivo entre o entrevistado e o entrevistador. Há todo um jogo de seduições do entrevistado que “puxa” o autor do texto segundo para o meio da história: “Por que hoje tão batendo na cara da mãe e ela não diz nada, cadê o respeito da geração futura? Eu lhe pergunto, minha jovem?”

O entrevistador por sua vez é enredado pelo autor: “Dona Júlia, a senhora acha que o mundo está mudando? - Não, imagina, quem está mudando são as pessoas, com toda essa modernidade”.

As narrativas vão revelando a toponímia do lugar, as marcas identitárias da cultura local, as transformações arquitetônicas, modernidade em toda a essência, num jogo discursivo que assume ares de romance:

Quando eu era criança, morava no sítio do Tio Zé que fica no Mocó I. eu nasci e fui criada na nossa pequena cidade de São Jose da Lagoa Tapada, mais precisamente onde o Judas perdeu as botas, na calorenta região Nordeste do Estado da Paraíba. Antigamente nossa cidade era conhecida como “Oiticica Tuba”, devido o excesso de plantas de oiticica, passando então anos depois a ser “Lagoa Tapada”.

O Tempo foi passando devagar, o vento soprava lentamente. O povoado foi virando cidade e as casas de pau a pique foram substituídas pouco a pouco pelas de tijolos. Em 1968 eu já estava com meus doze anos, quando a cidade acordou diferente/; A energia elétrica havia chegado! Foi um espanto era o fim das lamparinas! Mas que depressa houve uma briga deixando uma morte fatal e o meu pai estava muito embriagado naquele momento.

No dia seguinte papai foi até a cidade de Cajazeiras comprar um aparelho de som conhecido na época por vitrola, o mesmo conhecido hoje por rádio, toda hora os vizinhos queriam ouvir músicas e os noticiários. Hoje percebo que apesar da minha cidade ser simples e pequena no tamanho, com seus seis mil habitantes, ela é grande no meu coração e inesquecível na mente dos antigos moradores. (ESCRITOR E).

São José da Lagoa Tapada, antes era uma pequena cidade que tinha poucas casas. Uma das primeiras casas a serem feitas foi o velho prédio, que fica localizado perto da praça de Frei Damião, também conhecida com a Praça do Milagre.

O prédio já faz 83 anos que foi construído, a igreja da nossa cidade, também dói feita a anos.

Hoje em dia ela está reformada e ficou completamente diferente do que era.

A praça de Frei Damião também já faz muito tempo, pois ela foi a primeira praça a ser feita.

Em São José existiam vários objetos antigos como: rádio, televisão (preto e branco) radiolas, tamboretas e etc.

Hoje em dia as pessoas não usam mais Isso porque não esta mais na moda. (ESCRITOR I).

Os relatos apresentados realçam as relações afetivas, as conquistas, as histórias de vida que foram tecidas na comunidade, na família, nas relações com a vizinhança, na igreja, nas festividades típicas do município, nas práticas cotidianas, em geral, que se convertem no desenvolvimento de seus ideais e no aprimoramento da história e cultura local.

Quando eu era jovem, há quarenta anos atrás, muitas coisas boas aconteciam. Eu ia para as festas com umas roupas bem arrojadas, sapatos de couro fino e sempre armados. Não existia energia elétrica,. As festas eram clareadas por lampião. Naquele tempo tudo era mais difícil eu ia para a feira a cavalo de manhã e só voltava quando o sol se punha e hoje tudo é mais fácil, naquela época se eu ajudasse a comprar uma roupa, eu tinha que trabalhar. (ESCRITOR D)

Aos meus 12 anos de idade conheci o filho do meu vizinho, o irmão das minhas melhores amigas, não o conhecia, porém ele morava e trabalhava em Pernambuco, desde então gostei dele, por mais que fosse – doze anos mais velha que eu, era simpático e foi o meu primeiro namorado.

Só passamos algumas semanas namorando, pois ele tinha que voltar para o trabalho. Ele foi embora e eu fiquei o esperando “dia e noite, noite e dia”.

Sempre que ele voltava a gente ficava junto.

Quando eu estava com os meus 14 anos resolvi levar a sério o que eu sentia por ele, minha família no começo não queriam, mas tiveram que aceitar, era a minha escolha.

Fui dona de casa com 14 anos, isso pra muita gente não era normal. Pra mim era.

Com 15 anos tive que, pela primeira vez mim separar da minha mãe, ela veio morar em sua cidade “ São José da Lagoa Tapada.”

Passei um ano separada de quem mim guiava.

Mas como a escolha já tava feito – fui viver minha vida. Depois de um ano vim morar em são José.

Vim pra onde estava a minha mãe – morei na casa dela durante alguns nos, até ter a minha casa própria.

Aos 17 anos fui mãe pela primeira vez, no dia 04 / de fevereiro de 2006 – nasceu a “MARIANA KERSSYA”.

Ao passar do tempo fui descobrindo coisas da vida, e ser mãe foi uma das descobertas, claro!

Aos 19 anos fiquei grávida novamente, dessa vez, de um moleque e foi o dia 08 /de março desse ano que nasceu WESLLEY o xodó da família. Estou com 20 anos, tenho – minha própria, na minha casa somos quatro, eu, meu marido e meus dois filhos. Hoje meus filhos são minha razão de viver, e isso é o que importa. Sou feliz! (ESCRITOR H)

O que constatamos com a realização das oficinas é que os textos produzidos pelos alunos, a partir das entrevistas que realizaram com outros sujeitos possibilitaram a compreensão da atividade de produção textual como de trabalho com prazer da leitura/prazer da escrita. Os alunos, pela reescrita das memórias de outros sujeitos perceberam-se inseridos num contexto social, histórico e ideológico e, por conta disso, expressaram valores, desejos, sonhos, angústias, idéias, *verdades*, de seus lugares sociais.

4 TECENDO POSSÍVEIS CONCLUSÕES

Os textos produzidos pelos alunos revelam que a narrativa se converte numa reflexão sentida de um sujeito informado sobre aspectos fundamentais da vida humana. Possibilita a leitura compartilhada daquilo que a gente pensa, sente ou vive. Leitura que provoca a ação de pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, sabores e dissabores, que permite conhecer questões relativas ao mundo social e às tantas e tão diversas lutas pela constituição de sujeitos com histórias e culturas claramente definidas.

Pensando em leitura, tomando como base as memórias evocadas pelos interlocutores que aqui se presentificam (alunos e entrevistados) entendemos que a centralidade da narrativa se constitui como espaço de diálogo e de rememoração; um dimensionamento do papel da leitura na constituição do homem como sujeito social, enraizado na coletividade.

Sob esta ótica, a narrativa, o relato para o outro, torna a vivência uma experiência. O leitor leva rastros do vivido no momento da leitura para depois ou para fora do momento imediato – isso torna a leitura uma experiência. Sendo mediata ou mediadora, a leitura levada pelo sujeito para além do dado imediato permite pensar, ser crítico da situação, relacionar o antes e o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la, modifica-la. Desvelar, o que é concebido como leitura polissêmica.

Assim, na prática da sala de aula, é preciso transformar as aulas de língua materna num momento privilegiado de interação em que os interlocutores verdadeiros (professores e alunos) têm o que dizer e dizem por meio de sua língua, que é tomada como uma atividade, um processo criativo que se materializa pelas enunciações. Em vez de técnicas de redação, exercícios estruturais e treinamento de habilidades de leitura, o que se deve privilegiar é a produção de textos e discursos, o que equivale a dizer privilegiar práticas escolares que levem à formação de alunos leitores e produtores de textos, conscientes do lugar que ocupam e de sua capacidade de ação (= interação) para subverter o que está estabelecido.

O que se conclui pela leitura das memórias (re) produzidas pelos alunos que colaboraram nesta pesquisa, é o convite para olharmos para a consciência do leitor, que tem pela leitura do texto a possibilidade de questionar os modelos de comportamento e conflitos vividos no universo da narrativa. Isto atesta a função da leitura de possibilitar ao leitor a

evasão, a socialização, tanto quanto os modos de representação do real. Dá, portanto, à criança o direito a escolha, a crítica, ao julgamento de valor.

A prática discursiva da leitura deve propiciar ao aluno, sobretudo, a competência para identificar os elementos implícitos no texto, estabelecer relações entre o texto que lê e outros já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos que possibilitem a efetivação entre leitura, interlocução e produção de sentidos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1994.

CHARTIER. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CLARA, Regina Andrade. **Se bem me lembro**. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2008.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora, **Gêneros textos e ensinos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

MARTINS, Maria H. **O que é leitura**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua portuguesa**. 3 ed. Brasília: A Secretaria, v. 2, 1997.

ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola**. 7 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ANEXOS

REDAÇÃO

No meu tempo passado aconteciam muitos fatos, meu marido trabalhava como vaqueiro com pastos cheios de gados.

No tempo das eleições Nelson Meira se candidatava nas eleições e ajudava muitas pessoas, inclusive me ajudou bastante nas minhas horas difíceis. Um dos objetos mais antigos é o ferro de engomar a braza. Lembro-me também do tempo que eu era moça, o namoro era completamente diferente. Para oficializar o namoro com meu marido tinha que ter o consentimento do meu pai e o namoro era só pegar na mão e conversar e noivar e casar. E tinha uma coisa o primeiro namorado era aquele que tinha, que casar, só pelo primeiro namoro. Se fizesse mais do que pegar na mão para os pais e para mim mesmo, a moça se perdeu e tinha que se casar e toda moça tinha dote para ajudar no casamento, mas eu não tinha por causa das condições.

ESCRITOR A

DE UM LUGAR PARA OUTRO

Vovô mora no sítio Lagoa Tapada, um lugar bem calmo e o melhor de tudo e que fica pertinho da cidade. E para lá que vou aos finais de semanas no sábado passado nos fomos eu, minha mãe, e meus irmãos, passamos a tarde toda lá. De tarde quando chegamos em casa eu falei para minha mãe: ainda bem que eu não moro no sítio porque o lugarzinho sem graça. Ai minha mãe começou a me falar sobre a mudança dela do sítio para a cidade:

- Eu nasci e fui criada na nossa pequena e sossegada São José da Lagoa Tapada, mais precisamente no coração do sertão, na região Nordeste do estado da Paraíba. Antigamente nossa cidade era conhecida como “terra milagrosa” devido aos milagres realizados por Frei Damião.

Lá, as crianças só se dedicavam a duas coisas: brincar e estudar. Eu nunca vou me esquecer da excelente aluna que sempre fui, tirava sempre as melhores notas.

Naquela terra escaldante eu brincava muito e me sentia livre, brincava com minhas amigas de amarelinha, pula corda, entre outras brincadeiras. Só que quando mamãe fazia naquele pequeno fogão a lenha eu corria logo para comer.

Que delícia!

O tempo foi passando!

O tempo foi passando, eu fui crescendo, me tornei moça e com pouco tempo comecei a namorar, me casei e vim morar na cidade com meu marido. É essa foi minha história e eu nunca irei me esquecer daquele tempo bom é inesquecível na mente de todos os moradores daquela cidade.

Desde então, eu passei a perceber que o que pode ser sem graça, pra mim e um lugar bom e agradável para outras pessoas. Isso ficou guardado na minha mente para sempre.

ESCRITOR B

HISTÓRIA A CONTAR

Título: Cavalcantes

Com veracidade dos fatos escrevo essa história: Saíram de Portugal dois irmãos para o Brasil em busca de trabalho, chegando no Porto Cais de Santo Rito no Recife ficaram trabalhando no mesmo, um dos irmãos, sabia ler um pouco, ficou no escritório o outro como não sabia ficou pegando estivos, (carregando navios) não agüentou o serviço muito pesado saiu em procura de nova aventura chegando em São José de Piranhas foi trabalhar no campo, logo casou com uma garota da tradicional família Mendes.

Teófilo seu nome, que é meu tataravô, daí surgiu minha família com muito orgulho (Cavalcante Mendes). O outro chamado Pedro chegou a ser governador do Recife e chegou a ganhar uma avenida em seu nome: Av Pedro Cavalcante.

Hoje eu estou contando esta grande história.

Fim

ESCRITOR C

MINHA JUVENTUDE

Quando eu era jovem há quarenta anos atrás muitas coisas boas acontecia eu ia para as festas com umas roupas bem arrojadas, sapatos de couro fino e sempre armados, não existia energia elétrica,. As festas eram clareadas por lampião. Naquele tempo tudo era mais difícil eu ia para a feira a cavalo de manhã e só voltava quando o sol se punha e hoje tudo é mais fácil, naquela época se eu ajudasse a comprar uma roupa, eu tinha que trabalhar.

ESCRITOR D

DO SÍTIO PARA A CIDADE

Quando eu era criança, morava no sítio do tio Zé que fica no Mocó I. eu nasci e fui criada na nossa pequena cidade de São Jose da Lagoa Tapada, mais precisamente onde o Judas perdeu as botas, na calorenta região Nordeste do Estado da Paraíba. Antigamente nossa cidade era conhecida como “Oiticica Tuba”, devido o excesso de plantas de oiticica, passando então anos depois a ser “Lagoa Tapada”.

O tempo foi passando devagar, o vento soprava lentamente. O povoado foi virando cidade e as casas de pau a pique foram substituídas pouco a pouco pelas de tijolos. Em 1968 eu já estava com meus doze anos, quando a cidade acordou diferente/; A energia elétrica havia chegado! Foi um espanto era o fim das lamparinas! Mas que depressa houve uma briga deixando uma morte fatal e o meu pai estava muito embriagado naquele momento.

No dia seguinte papai foi até a cidade de cajazeiras comprar um aparelho de som conhecido na época por vitrola, o mesmo conhecido hoje por rádio, toda hora os vizinhos queriam ouvir músicas e os noticiários.

Hoje percebo que apesar da minha cidade ser simples e pequena no tamanho, com seus seis mil habitantes, ela é grande no meu coração e inesquecível na mente dos antigos moradores.

ESCRITOR E

MINHA HISTÓRIA

No meu tempo de menina moça as coisas eram diferentes, o lugar onde eu morava era diferente, não tinha calçamento, nem pista, mais hoje tem, penso naquele tempo tão bom e belo, que hoje me faz chorar, as lembranças do passado de mim nunca saíram.

Lembro os velhos tempos que me fizeste apaixonar, os rapazes eram calmos e as moças não eram tão atiradas, hoje vejo diferença daquela época passada, não sei se é por está velha, ou por o mundo ta mudando, é que as pessoas não pensam o que pode acontecer. Hoje é tempo de drogas, de mal-feitores e não tem lei, não é que naquele tempo não existia, mais se via muito pouco.

Era tempo de trabalho de mulher, homem e molecada, todos iam andando no caminho da roça, os pais tinham mais ordem, ninguém desobedecia, essas crianças de agora só quer sabe de namorar, nunca vi tanta loucura, a vida tá diferente, as pessoas tão mudando, não sei mais o que fazer.

Com o passar dos tempos, o modo de ver os amigos, os familiares, as pessoas que já gostaram de você, vai se modificando.

Tudo modifica, tudo passa!

E aí uma lágrima zombará de você.

Uma lágrima quente...doce...rolando pelo seu rosto.

Mas não fique triste, pois será uma lágrima chamada saudade.

Saudade dos tempos que se foram para nunca mais voltarem.

E um dia, quando estes belos tempos tiverem desaparecido completamente e os seus olhos por aqui passarem, Recorde!

Recorde bastante e com muitas saudades, pois viver tudo outra vez.

E felizes são aqueles que sabem que desta forma contribuiram para o seu hoje e futuro mais próximo.

Felizes os que promovem a paz.

ENTREVISTA SOBRE UMA CONVERSA DE VOCÊ E UMA PESSOA MAIS VELHA.

Esta conversa vai ser de mim e de Dona Júlia. Ela mora em nossa comunidade há muito tempo.

Perguntei para ela se ela tinha algum objeto ou foto que pudesse mostrar. Ela falou que sim. Eu comecei a perguntar como era a vida da mesma na comunidade? Ela falou – Houve muitas mudanças desde aquela época, antes não tinha pista, nem calçamento, como você sabe foi feito há pouco tempo. Antes as pessoas gostavam mais de ir às missas e de participa das novenas. Hoje se vê pouca gente fazendo isso, a maioria dos jovens não liga nada, pensa que o mundo é deles. Hoje não se respeitam os pais, nem professores. Estão destruindo a escola, a maioria não tem educação para com seu próximo. No meu tempo se isso acontecesse, nós levamos uma surra das grandes. Nós, do tempo passado respeitavamos os mais velhos e os pais. Não sei, mas mesmo não tendo tido o direito de estudar e de ter uma boa educação, se comparada com uma jovem de hoje, pensam que eu fui uma professora. Admiram-me por não estudar e só trabalhar na roça, de ter educação que hoje uma criança não tem. O fato é que nós sentimos na pele o que é ter um pai perverso. Porque hoje tão batendo na cara da mãe e ela não diz nada, cadê o respeito da geração futura. Eu lhe pergunto minha jovem?

- Isso mesmo, Dona Júlia, eu não discordo da senhora, a geração de hoje está cheia de atritos. Vocês foram educados sem ajuda de livros, só bastou o pai e a mãe. Hoje temos tudo nas mãos e só fazemos desperdiçar. Dona Júlia, a senhora acha que o mundo está mudando?

- Não, imagina, quem está mudando são as pessoas, com toda essa modernidade. Você hoje só se vê crianças de 13 a 15 anos grávidas, se perdendo; jovens nas drogas, doentes sem usar preservativos ou coisa assim. Estão poluindo a terra e acabando com os animais. Eu não tive educação, mas sei ler, escrever, e não tenho inveja de nenhum jovem em matéria de conhecimento.

Pois é! aí está o depoimento de Dona Júlia, que mora no Alto Celestino, tem 67 anos, hoje aposentada relembra seu passado e compara com o mundo de hoje. É um pouco da vida e da opinião dessa senhora, que nunca teve a oportunidade de ir à escola e hoje sabe ler e

escrever, coisa que muitos jovens não querem, temos de aprender a dar sentido a vida, para poder que sabe um dia contar nossa história.

ESCRITOR G

TUDO COMEÇOU EM COREMAS, UMA CIDADE QUERIDA!!

Aos meus 12 anos de idade conheci o filho do meu vizinho, o irmão das minhas melhores amigas, não o conhecia, porém ele morava e trabalhava em Pernambuco, desde então gostei dele, por mais que fosse – doze anos mais velha que eu, era simpático e foi o meu primeiro namorado.

Só passamos algumas semanas namorando, pois ele tinha que voltar para o trabalho. Ele foi embora e eu fiquei o esperando “dia e noite, noite e dia”.

Sempre que ele voltava a gente ficava junto.

Quando eu estava com os meus 14 anos resolvi levar a sério o que eu sentia por ele, minha família no começo não queriam, mas tiveram que aceitar, era a minha escolha.

Fui dona de casa com 14 anos, isso pra muita gente não era normal. Pra mim era.

Com 15 anos tive que, pela primeira vez mim separar da minha mãe, ela veio morar em sua cidade “ São José da Lagoa Tapada.”

Passei um ano separada de quem mim guiava.

Mas como a escolha já tava feito – fui viver minha vida. Depois de um ano vim morar em são José.

Vim pra onde estava a minha mãe – morei na casa dela durante alguns nos, até ter a minha casa própria.

Aos 17 anos fui mãe pela primeira vez, no dia 04 / de fevereiro de 2006 – nasceu a “MARIANA KERSSYA”.

Ao passar do tempo fui descobrindo coisas da vida, e ser mãe foi uma das descobertas, claro!

Aos 19 anos fiquei grávida novamente, dessa vez, de um moleque e foi o dia 08 /de março desse ano que nasceu WESLLEY o xodó da família. Estou com 20 anos, tenho – minha própria, na minha casa somos quatro, eu, meu marido e meus dois filhos. Hoje meus filhos são minha razão de viver, e isso é o que importa. Sou feliz!

ESCRITOR H

EU EM SÃO JOSÉ DE ANTIGAMENTE

São José da Lagoa Tapada, antes era uma pequena cidade que tinha poucas casas. Uma das primeiras casas a serem feitas foi o velho prédio, que fica localizado perto da praça de Frei Damião, também conhecida com a praça do milagre.

O prédio já faz 83 anos que foi construído, a igreja da nossa cidade, também dói feita à anos.

Hoje em dia ela está reformada e ficou completamente diferente do que era.

A praça de Frei Damião também já faz muito tempo, pois ela foi a primeira praça à ser feita.

Em São José existiam vários objetos antigos como: rádio, televisão (preto e branco) radiolas, tamboretas e etc.

Hoje em dia as pessoas não usam mais isso por que não esta mais na moda.

ESCRITOR I

A HISTÓRIA DO MEU PAI

Ele fala muito dos seus tempos de criança e de rapaz, meu pai falou para mim que ele já trabalhou muito, na roça, catando algodão e muitas outras coisas, que ele fazia.

Mas ele fala que gostava muito do seu tempo de rapaz, tinha muito forró no alto, ele disse que todas as noites em cada casa, daquele alto tinha um forró.

Ele trabalhava o dia inteiro e não tinha tempo nem para estudar o seu pai dizia, isso é besteira estudar, vamos é pra roça, plantar que isso que é futuro. E hoje em dia ele diz que se arrependeu muito porque não estudou, mas também não foi por falta de interesse, foi porque não tinha tempo, para estudar e sim para trabalhar muito, ele fala estudar é bom, uma pessoa sem estudo ele é cega, não sabe de nada.

ESCRITOR J